



ANÁLISE DE NARRATIVAS INFANTIS SOBRE O ACHAMENTO DO BRASIL

Judite ZAMITH-CRUZ¹

Maria Manuela GAMA²

Universidade do Minho-Portugal

RESUMO

Apresenta-se um estudo de investigação qualitativa e interpretativa, em *Grounded Theory*, sobre a Estrutura e Organização Narrativas de crianças de 9 e 10 anos, ao contarem “histórias” acerca de um “encontro inesquecível” entre portugueses e brasileiros, aquando do *achamento* do Brasil, por Pedro Álvares Cabral, em 1500.

Defende-se que as ficções são uma das facetas da realidade em que vivemos e através da qual nos relacionamos; aqueles ou outros factos históricos envolvem um sem número de narrações na *grande narrativa*, para que a criança possa vir a entender relatos históricos dramatizados de uns quantos aventureiros, a sua estranha forma vida quotidiana, em época de Epopeia, re-escrita com enredos *fantásticos*, ficcionais.

Existem múltiplos pontos de vista em narrativa, nomeadamente a busca psicológica de configurações de significados pessoais-sociais para uma “história”. Uma narrativa representa a experiência, com a função de a explicitar a nós mesmos e aos outros, por reflectir a inseparabilidade de que somos, sentimos e pensamos.

A análise narrativa, segundo a sua Estrutura, pressupõe uma vertente hermenêutica, dita contextual (Sutton-Smith, 1996); a Organização da mesma atende a conteúdos, retomando o conhecimento histórico em causa.

Foram apreendidas regularidades estruturais – congruência discursiva, diferenças individuais processuais e potencialidades de talento literário em crianças.

-
1. Judite Zamith-Cruz. Professora Auxiliar. Universidade do Minho – Instituto de Estudos da Criança. Email: Juditezc@iec.uminho.pt
 2. Maria Manuela Gama. Professora de História no Ensino Básico, 2º Ciclo.

INTRODUÇÃO

Com o intuito de desenvolver potencialidades literárias desde a infância, mas também das crianças conhecerem narrações da História da Descoberta do Brasil, em 1500, realizou-se, em Braga, no norte de Portugal, uma *performance* (com as crianças), seguida de escrita criativa sobre a chegada de portugueses ao Brasil. Essa dramatização - “O baú do tesouro do avô do Brasil” -, ocorreu na Comemoração dos 500 anos dos Descobrimento do Brasil e fez parte das actividades do Projecto *Natura/Cultura* do Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa (CICTSUL).

Foi analisada a Estrutura e Organização Narrativa de crianças de 9 e 10 anos, ao contarem *estórias* acerca de um “encontro inesquecível” entre portugueses e brasileiros, aquando do achamento do Brasil, por Pedro Álvares Cabral, em 1500.

A perspectiva de investigação, qualitativa e interpretativa, foi a *Grounded Theory* (Strauss, 1978, 1987; Strauss & Corbin, 1990, 1994; Tesch, 1990; Zamith-Cruz, 1996a).

As implicações educacionais da abordagem psicológica narrativa situam-se na convicção de que as “histórias” favorecem o desenvolvimento humano (Egan, 1986, p. 8) e integram experiências desconexas (dissociadas), em crianças, jovens e adultos, nomeadamente em períodos etários e históricos em que a oralidade é central. Através de relatos de situações exemplares e abstractas (Hayek, 1969) é possível “mostrar” pela imagem, metáfora, comparação ou analogia, o que permite a construção de significados para a vida.

Crê-se que todos nós, potencialmente, poderemos viver experiências significativas na escola e potenciadoras de vida, a partir de uma abertura ao novo, inusual, conflitual.

1. VERDADE E FICÇÃO HISTÓRICA

Tal como Kenneth Burke (1950, p. 41) o defendeu já, “a linguagem nunca é meramente descritiva... não tentando somente dizer às pessoas como as coisas são... Ela vai tentando mover as pessoas”. Ao intentar atingir os seres humanos, possuímos sempre estruturas prévias, isto é, valores e ideologias, bem como convenções históricas e literárias.

A palavra *facção* (*faction*; ver Steele, 1986) surgiu para indicar, precisamente, “as narrativas que dizem ser a verdade, ou que a teoria que propõem é baseada em factos de observação”. Nesse sentido, acerca de recordações e narrativas também não poderemos dizer da verdade histórica daqueles eventos ou da realidade dos relatos (cf. Spence, 1982, 1986).

2. HISTÓRIA, DRAMA E RELATOS DE CRIANÇAS

Foi implementado um Programa exploratório – O Contador de Histórias (Zamith-Cruz *et al.*, 2000, no prelo), dirigido ao desenvolvimento linguístico e emocional de crianças com 9-10 anos, por professores de Ensino Básico e Universitário.

Os alunos do 4º ano do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga assistiram à apresentação do *achamento* do Brasil, com o relato da viagem de Pedro Álvares Cabral. Para a

criação duma situação dramática imaginou-se que, na chegada deste navegador à Terra de Vera Cruz, ele foi surpreendido pelo encontro dum velho baú, com instrumentos musicais de percussão, panos coloridos e até frutos tropicais. Mais tarde, esse baú fez parte do espólio dum rico avô “brasileiro”, achado pelos netos no sótão de sua casa.

Depois da narração e da abertura do dito baú, foi incentivada a escolha, por cada aluno, da personagem de índio ou de navegante português. Curiosamente, as crianças chegaram a escolher assumir a identidade de personagens não referidas pelas animadoras, como o capelão do navio, a filha do chefe índio, a filha ou a mulher de Pedro Álvares Cabral e, até mesmo, de um valente chefe de tribo autóctone.

A experiência lúdica foi vivida de forma intensa e movimentada, havendo entre os dois grupos (nativos e portugueses), a partilha dinâmica de haveres culturais e abertura ao *outro*. Os recém-chegados foram saudados com gestos calorosos e música improvisada, troca de oferendas, permeada de comunicação verbal, impermeável aos disarmónicos linguajares.

Após a *performance*, foram realizadas composições escritas e desenhos relativos a um encontro inesquecível. Estas actividades pedagógicas foram analisadas, em termos de temas centrais e pormenores acrescentados, originalidade e entendimento histórico.

O relato de emoções e sentimentos projectados, agidos e registados por escrito, para personagens épicas, com identificação de valores humanos constituiu, segundo o procedimento exposto, um modo das crianças acederem a significados, não plenamente explícitos e conscientes do seu lugar no mundo.

Em termos educativos e clínicos, intentou-se: (1) debater questões éticas, nomeadamente, a aculturação e o relacionamento entre povos; (2) ajudar as crianças a lidar com o estranho; (3) despistar dificuldades de relação; (4) responder às suas perguntas, por esclarecer; e (5) intervir, face a riscos e crises de desenvolvimento, detectáveis ao longo da realização do evento.

3. PSICOLOGIA NARRATIVA

Com a Psicologia Narrativa (Sarbin, 1986; Bruner, 1986, 1991; Polkinghorn, 1988; Russell, 1991; Gonçalves, 1998), propomo-nos abordar o prazer de “trocar histórias”, isto é, construir a nossa compreensão partilhada da experiência em termos narrativos. Um tal movimento envolve a busca de sentido para a existência humana.

Em Educação, aprofundando a identidade, é possível organizar coerências e discrepâncias humanas, mediante acções humanas intencionalizadas, a partir de uma dialéctica comunicacional efectiva. Assim sendo, esta abordagem psicológica tem como acepção a busca de intencionalidade pedagógica, isto é, ao incorrer no prazer de “contar histórias” (Bruner, 1990), por tal *caminho* visa-se alcançar um princípio organizador para as acções humanas.

Enfatizando a manifestação de emoções, sentimentos, desejos, vontades e valores, é igualmente possível aceder a uma multiplicidade de versões narrativas da História.

Segundo van den Broek & Thurslow (1991), “para a compreensão da própria vida precisamos de estruturas narrativas” (v. Bruner, 1986), sendo o conhecimento narrativo “o modo como as pes-

soas compreendem as acções humanas e as histórias tanto de ficção como da vida real (Mandler, 1984; cf. Sarbin, 1986)”.

A Psicologia Narrativa é, portanto, uma tentativa de (re)criar ordem para os assuntos humanos, nomeadamente, através da busca de compreensão e de interpretação de contos, ocorrências inexplicáveis, experiências significativas, histórias de vida e biografias.

Mediante a negociação (verbalizada) de significados atinge-se, na vida e na escola, uma subsequente expressão agida de dinâmicas relacionais (Zamith-Cruz, 1996a), sendo explorados recursos humanos de flexibilização, na aceitação de pontos de vista.

4. UMA ANÁLISE DE TEXTOS EM GROUNDED THEORY

A *Grounded Analysis* é uma perspectiva metodológica sistemática, que aposta na “criatividade” (Strauss & Corbin, 1990, p. 27), na reflexão/*insight* do investigador (a sua “sensibilidade teórica”) e que atende aos processos sociais (fenómenos, diálogos, dramatizações...) desenrolados em situações contextualizadas, para a sua interpretação/análise em textos.

De acordo com esta metodologia, um fenómeno “é a ideia central, o acontecimento, o *happening*, o incidente em torno do qual um conjunto de acções e de interacções são dirigidas, com vista a virem a ser reconhecidas, geridas e integradas, ou com as quais o conjunto de acções se relaciona” (Strauss & Corbin, 1990, p. 96). No caso em estudo, o fenómeno é o encontro entre portugueses e brasileiros, relatado por crianças em *estórias* escritas.

Esses textos foram segmentados, dito que um segmento de texto é “uma unidade que é compreensível por si própria e contém uma ideia, episódio, ou parte de informação” (Tesch, 1990, p. 116).

Por sua vez, para a *Grounded Theory*, Anselm Strauss & Juliet Corbin (1990) reconhecem normas/regularidades (*rules of thumb*, ou seja, o que é regulado). A construção de regularidades foi possível a partir de relatos escritos cruzados, de crianças do grupo de estudo, ou seja, através de um trabalho comparativo entre textos.

Após a divisão das composições infantis em Segmentos de Tópico (unidades de significado, a que foram dados títulos), construiu-se, portanto, um guião de análise, com relevo para a identificação dos seguintes elementos narrativos: (1) começo (*incipit*); (2) desenvolvimento da acção – acontecimento precipitante, fenómeno/interacção humana, e reacção do(s) protagonista(s) e co-protagonistas –; e (3) finalização/resolução.

Atendeu-se também a outros elementos, tais como a ordem de apresentação dos protagonistas, a presença (ou não) de auto-referenciação da criança, as condições antecedentes da acção e a localização do evento no espaço e no tempo.

Foi registado qualquer uso de vocabulário elaborado ou de vocabulário histórico, pertinente para a temática em estudo.

Para finalizar a análise, foi realizada uma síntese de cada história (argumento) e registado o seu mini-enredo – episódio, com a ordenação dos acontecimentos de modo temporal e causal.

4.1. O ‘começo’ das narrações

Em bastantes relatos do episódio “O encontro inesquecível”, existe uma condição climática ‘feliz’ (exs.: Num belo dia de sol brilhante, água límpida e ondas calmas; numa linda tarde, de mar calmo...; num dia de sol, mar sereno e brisa suave...).

Em certos casos, a primeira pessoa reporta-se a um *tempo feliz* – o meu pai (Pedro Álvares Cabral) tinha-me autorizado a acompanhá-lo.

Noutras narrações, o narrador executa as suas actividades quotidianas: nadar, caçar, pescar, apanhar flores, passear (narradores/índios); vigiar o mar (tripulante do cesto da gávea).

Uma criança tomou-se pelo padre-capelão de navio: ...estava eu a fazer as minhas orações.

Outras assumiram o lugar de índio, sem que tal lhes tivesse sido pedido, embora fosse um papel dramatizado. Nesses enredos, em que o narrador participante inicia uma apresentação da situação, acede a um novo ponto de vista engenhoso (ex.: Estava eu a passear na minha terra...; ...enquanto (eu) pescava, reparei num barco, ao longe, que se aproximava...; Um dia, estava eu a apanhar flores...). Vê e observa os “estranhos” portugueses, com curiosidade tranquila (ex.: vi uns barcos muito esquisitos! ...enquanto os adultos se dedicavam à pesca e as crianças se refrescavam no mar, avistámos um navio, ao longe...). (...) Também (os portugueses) tinham uns trajes muito bonitos, enquanto nós andávamos semi-nus, mas eles pareciam inofensivos. Quando os portugueses chegaram, reparei que eles tinham pele diferente, usavam sapatos e vestiam-se de maneira diferente). Mas nem sempre os navegadores são apreendidos como “inofensivos”: Como não sabíamos as suas intenções, ficámos um pouco assustados... Escondemo-nos.

Para uma outra criança, quando chegaram a terra... a primeira coisa que eles fizeram foi investigá-la.

A localização do acontecimento no espaço constitui um factor dado: o Brasil.

A localização da aventura no tempo pode ou não ser identificada (ex.: Numa época...), embora a maioria das crianças localizem o dia e o ano.

Pode ocorrer uma recriação da viagem, até à paragem no Brasil – Já estávamos no mar há 30 dias...

Ao barco de navegação pode, inclusive, ser dado um nome: Estávamos a bordo da (de “A Portuguesa”, a nau que nos levaria à Índia... (finalidade última da viagem).

Uma criança, logo após as apresentações da sua família (pai, marido e irmãs), utilizou uma introdução sugestiva: Vamos ao que interessa!

4.1.1. Ordem de apresentação dos protagonistas

Certas crianças iniciam a sua *estória*, apresentando-se: Eu sou uma índia chamada Raio de Lua e sou a filha do chefe da aldeia. Outras, podem ser Alguém, que vive com os índios (eu e os índios), para se auto-denominarem, a seguir, como o Maior dos Índios: Eu – o Grande Chefe dos Índios.. Vovú.

De acordo com o supracitado, o narrador assumiu-se no enredo como protagonista, com função “maior” (ex.: meu esposo ou meu pai sendo Pedro Álvares Cabral, o próprio Cabral, o capelão do navio; o chefe de tribo (Vovú), a filha do chefe (Viara); o General Jack, o Superior do navio...), mas também “menor” (ex.: Eu, Pêro, o tripulante do cesto da gávea...; um qualquer membro da tripulação; um pescador índio...). Podia, até então, estar aborrecido... (sem entusiasmo)... farto... farto de mar.

4.1.2. Condições antecedentes da acção maior

Na generalidade, a acção maior narrada é o fenómeno de “encontro inesquecível” entre portugueses e autóctones índios.

Antecedem a acção peripécias, como as seguintes: ...vi uns barcos muito esquisitos!; avistámos um navio, ao longe.

Poucas são as “histórias” a integrar vários momentos de clímax, divididos em segmentos de tópico (ST) – unidades de significado. Numa dessas narrações, o primeiro momento de acção (ST#1) reporta-se ao grito do homem da gávea, sendo a sua interacção com o capitão, o fenómeno relevado, com humor: Do castelo da popa, o capitão perguntou: - O que se passa, Pêro? – e todos os outros viraram a cabeça – magoaste-te?

Depois, no ST#2 (unidade de significado seguinte), outro momento de interacção ocorre, curiosamente, com a revelação do narrador participante a Pedro Álvares Cabral: Meu capitão, além da praia há florestas e pessoas diferentes!

4.2. Desenvolvimento da acção

O desenrolar da acção atendeu aos seguintes factores para análise: acontecimento precipitante e fenómeno/interacção humana, incluindo as atitudes do(s) protagonista(s) e co-protagonistas.

4.2.1. Acontecimento precipitante

Em dois textos, o início da aventura passa pelo grito dum marinheiro - “Terra à Vista” - que pode ser seguido de diálogo no mar, entre pai e filha/narradora: O meu pai (Cabral) - depois de ter utilizado os binóculos (confirmando aquela visão intempestiva) - disse-me, que não era a Índia e que tínhamos chegado a uma terra nova....; ...corri para a aldeia e fui avisar o meu pai (índio).

No caso em que o narrador/tripulante do cesto da gávea foi o primeiro a ver terra, depois da sua observação habitual, no fim do almoço, pode ter sido escrito o seguinte: ...Quando voltei a olhar para Sul, dei um grito, pois estava desesperado de alegria.

4.2.2. Fenómeno/interacção humana

O fenómeno pode ser descrito de vários modos: orientação pessoal de poder, transacção comercial, encontro amistoso, descoberta da diferença (hábitos e costumes, religião), comunicação gestual...

No caso atrás referido, em que foram encontrados três segmentos de tópico numa narração, é no ST#3, que ocorre o encontro - fenómeno central, maior – alterado pela criança, por relação ao

pedido. Em alternativa, a narradora/homem da gávea tratou de confirmar o seu saber e emoção, tido que foi o primeiro a “acertar”: ...ficámos espantados... Realmente, eles não eram iguais a nós!

Pode entrar-se, sem preâmbulos (Acontecimento Precipitante) no “assunto” comercial: O chefe das navegadores disse ao chefe da tribo, que queria paz, e perguntou-lhe se ele queria fazer negociações de mercadorias; ofereci um colar e recebi um pano azul brilhante.

Mais geralmente, trata-se duma descrição da descoberta de pessoas “diferentes”, (in)comunicáveis, pacíficas, capazes de aprender música e de trocar oferendas: Comunicamos gestualmente...ensinamo-lhes a tocar os nossos instrumentos.. trocamos recordações; vimos pessoas muito diferentes de nós e tentámos comunicar-lhes (comunicar com eles); ...quando o nosso chefe se aproximou deles, mostraram-se amistosos.

Tal descoberta pode centrar-se, mais especificamente, na diferença humana: Eram (pessoas) diferentes daqueles com quem eu estava habituada a conviver. Vestiam poucas roupas e de outras cores, faziam refeições diferentes e tinham alimentos e coisas, que em Portugal não havia.

O narrador/capelão observaria, por seu lado, a diferença religiosa: Quando chegamos lá, eu vi pessoas muito estranhas, que não eram como nós e que não tinham religião nenhuma.

Num caso, um fenómeno (ST#1) pode ser circunscrito ao poder conferido à narradora/filha, pelo pai: O meu pai (índio) disse para avisar toda a aldeia que íamos receber os estranhos (portugueses).

O outro fenómeno da narração (ST#2) passou pelo casamento da narradora/ filha: Uma semana depois, casei-me com ele (um marinheiro, chamado Filipe Mendes, que era muito bonito) e fui para Portugal.

No papel de narrador-capelão, a criança pretendeu dar aulas de doutrina... mas nenhum deles (índios) queria ter essas aulas...uma senhora índia veio ao meu encontro, para dizer-me que queria ter essas aulas e eu não recusei. Um dia a seguir, todos...vieram ter comigo, até mesmo o chefe. Nesse mesmo instante todos eles se ajoelharam perante mim...

4.3. Finalização

Aproximou-se o *finale* da resolução da situação de encontro (in)esperado, entre os dois povos, em ausência de conflito. Um “Adeus”...: E, neste primeiro encontro, nasceu uma grande amizade entre os dois povos e decidimos (nós, portugueses), que os dois povos iriam ficar unidos.

Num caso, após diligências para o entabular de diálogo, o co-protagonista – Cabral – lá conseguiu cumprir a sua missão de paz: Nosso capitão ...conseguiu falar com o chefe da tribo e deu o nome àquela terra de Vera Cruz.

5. VOCABULÁRIO

O vocabulário mais elaborado ou o vocabulário histórico, pertinente para a temática em estudo foi considerado. São factores relacionados com o conhecimento do Brasil a existência de recursos naturais (pau-brasil, café, mangas...); regiões aproximadas (Índia, Vera Cruz/Brasil).

Uma aluna falou em colonização.

Algumas crianças referiram a existência duma rota a seguir pela tripulação e de instrumentos náuticos, de usos e costumes diversos.

Foi concebido um General Jack de óculo.

DISCUSSÃO FINAL

Contaram-se e foram dramatizadas histórias e episódios sobre o *achamento* do Brasil, com a participação das crianças, mas também pedida a realização de textos e desenhos a partir dos seus temas amplos (históricos, míticos...), com ênfase em emoções e sentimentos.

Propusemo-nos, como animadoras e investigadoras, apresentar o modo como puderam vir a ser melhor compreendidas estruturas narrativas em crianças e os processos de aquisição de conhecimento histórico, relacionados com experiências quotidianas.

Para que o ensino e a aprendizagem possam vir a ser aproximados da investigação efectiva, procurou-se co-construir conhecimento pelo diálogo, a partir de acções, para captar a interacção entre aspectos sócio-históricos agidos, emoção e narrativa escrita, na criança em idade escolar.

A partir de apreensão visual dos desenhos e das narrações escritas, pensa-se que as crianças aceitam a diferença e partilha entre culturas, acedem ao significado festivo da vivência dramatizada, sem esquecer a aquisição de conhecimentos históricos integrados, por interiorização espontânea de características de personagens escolhidas e agidas.

Estudantes finalistas do Cursos de Educação de Infância e Ensino Básico do Instituto de Estudos da Criança - Universidade do Minho têm vindo a recolher dados históricos e a ensaiar dramatização, apresentadas a outras crianças do Ensino Básico. Foram, igualmente, construídas marionetas, por crianças e Educadores de Infância (em formação), com materiais reciclados do avô Francisco (narrador) e da neta (a quem foi contada a história), do rei D. Pedro IV e D. Manuel I, Pedro Álvares Cabral, D. Isabel (sua esposa), rainha, príncipes, aios, capitães de navios e aventureiros, índios brasileiros e escravos africanos, animais exóticos, deuses, heróis, humanos e grandes monstros terríveis, que serviram de apoio a trabalho em Jardim de Infância.

Noutra vertente do sub-projecto, prevê-se a continuação duma abordagem dramática para a exploração de mitos de metamorfose, enquadrada na temática – Dos mitos de criação.

REFERÊNCIAS

Burke, K. (1959). *A rhetoric of motives*. N.Y.: Prentice-Hall.

Bruner, J. (1986). *Actual minds, possible worlds*. Cambridge, M.A.: Harvard University Press (trad. esp. “Realidad mental y mundos posibles”. Barcelona: Gedisa, 1988).

Bruner, J. (1990). *Acts of meaning*. Cambridge, M.A.: Harvard University Press (trad. esp. “Actos de significado: Mas allá de la revolución cognitiva. Madrid: Alianza, 1991)

- Egan, K. (1986). *Teaching as story telling: An alternative approach to teaching and curriculum in the elementary school*. Chicago: University of Chicago Press (trad. esp. "Fantasía e imaginación: Su poder en la enseñanza". Madrid: Ediciones Morata, 1994).
- Hayek, F.A. (1969). "The primacy of the abstract", in Arthur Koestler & J.R. Smythies (Eds.), *Beyond reductionism*. N.Y.: Macmillan.
- Gonçalves, O. (1998). "Psicologia e narrativa: Implicações para uma ciência e prática de autoria". In R. Ferreira & C. Abreu (1998) (orgs.). *Psicoterapia e construtivismo* (cap. 8). Porto Alegre: Art med.
- Hayek, F.A. (1978). *New studies in philosophy, politics, economics, and the history of ideas*. Chicago: University of Chicago Press.
- Mandler, J.M. (1984). *Stories, scripts, and scenes: Aspects of schema theory*. N.J.: Lawrence Erlbaum.
- Polkinghorn, D.E. (1988). *Narrative knowing and the human sciences*. Albany, N.Y.: Suny Press.
- Russell, R.L. (1991). (Guest Ed.). Special Issues, *Journal of cognitive Psychotherapy: An International Quarterly*. (1991). Narrative. Vol. 5. Number 4. Winter, 1991. U.S.A.: Springer Publishing Company.
- Sarbin, T.R. (1986). *Narrative psychology: the storied nature of human conduct*. N.Y.: Praeger special studies.
- Scheibe, K.E. (1986). "Self-narratives and adventure". In T.R. Sarbin, *Narrative psychology: the storied nature of human conduct* (cap. 7). N.Y.: Praeger Special Studies.
- Spence, D. (1982). *Narrative truth and historical truth*. N.Y.: Norton.
- Spence, D. (1986). Narrative smoothing and clinical wisdom. In T.R. Sarbin, *Narrative psychology: The storied nature of human conduct* (cap. 11). N.Y.: Praeger special studies.
- Steele, R.S. (1986). "Deconstructing histories: Toward a systematic criticism of psychological narratives". In T.R. Sarbin, *Narrative psychology: the storied nature of human conduct* (cap. 13). N.Y.: Praeger special studies.
- Strauss, A. (1978). *Negotiations*. San Francisco: CA.: Jossey-Bass.
- Strauss, A. (1987). *Qualitative Analysis for Social Scientists*. N.Y.: Cambridge University Press.
- Strauss, A. & Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques*. Newbury Park, CA: Sage.
- Strauss, A. & Corbin, J. (1994). "Grounded theory methodology: An overview", in N.K. Denzin & Y.S. Lincoln (Eds.) (1994). *Handbook of qualitative research*. London: Sage, págs. 273-283.
- Sutton-Smith, B. (1986). "Children's fiction making". In T. Sarbin (Ed.). *Narrative psychology: The storied nature of human conduct* (pp. 67-90). N.Y.: Praeger Special Studies.
- Tesch, R. (1990). *Qualitative research: Analysis types & software tools*. Bristol: The Falmer Press.

- Van den Broek & Thurlow, R. (1991). "The role and structure of personal narratives". *Journal of Cognitive Psychotherapy*, 5, 257-274.
- Zamith-Cruz, J. (1996a). *Trajectórias criativas: O desenvolvimento humano na perspectiva da psicologia narrativa*. Tese de Doutoramento. Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia.
- Zamith-Cruz, J. (1998b). "Sobredotação e criatividade: Formação psicopedagógica de professores", Actas do *IV Congresso Galáico-Português de Psicopedagogia* (pp. 104-108). Universidade do Minho, Braga, em 24-26 de Setembro.
- Zamith-Cruz, J., Vieira, H., Pires-Antunes, C., Carvalho, L., Melo, M^a Céu, Lopes, M^a Virgílio, Gama, M. (2000, no prelo). "Polifonia das artes no desenvolvimento humano". Comunicação apresentada no *IV Colóquio sobre Questões Curriculares - Políticas curriculares: caminhos da flexibilização e integração*. Braga, 14 a 16 de Fevereiro de 2000.